

Crítica

Nem tudo está perdido na produção teatral para o público infantil. Nem tudo é violência disfarçada, modismos, compulsão pelo consumo.

O Menino que Brincava de Ser revela a alma, angústias e descobertas de um menino diante de seu mundo: mãe, pai, avós, amigos, professora. Um menino ao mesmo tempo especial e tão igual a muitos outros. Eu diria um menino inteiro, ainda íntegro, resistindo a se encaixar nos padrões e objetivos da sociedade adulta, enquanto desvenda a fantasia e a realidade da infância. Dudu vai incomodar alguns pais, como incomodou o personagem de seu pai na peça, mas vai ensinar à maioria a enxergar a criança que realmente foi e não aquela em que o transformaram. E, certamente, Dudu vai agradar a criançada, que, diferente dos adultos, aceita as diferenças e se diverte com elas. E, sobretudo, porque muitas reconhecerão a situação de submissão e opressão vivida por Dudu, comum para muitas delas. Todos têm medo de apanhar. Meu pai me bateu, meu pai vai me bater. A educação pela força é a opção da maioria das famílias, que usam a surra em lugar do diálogo, da tolerância, da confiança e respeito mútuos. O desrespeito pela identidade, pela personalidade em formação e pelos desejos da criança marca a relação com os adultos. Bonecos muito amados pelos pais enquanto preenchem suas necessidades, caprichos, frustrações, tornam-se estorvo e problema quando começam a opinar, exigir, argumentar, discordar. A história de Dudu, numa montagem inovadora e com texto impecável, é também uma divertida ode à atividade teatral. E no mundo real, está se repetindo agora, nesse momento, em milhares de lares.

Por Eleonora Ramos – jornalista – Projeto Proteger e Campanha “Não bata, eduque” –

18/7/07